

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FELIPE GOMES BACKX

Black Rio

Rio de Janeiro
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FELIPE GOMES BACKX

Black Rio

Projeto de conclusão de graduação, apresentado
para obtenção do grau de bacharel no curso
Comunicação Visual Design na Universidade
Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Orientador: Marcus Dohmann

Rio de Janeiro
2018

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, irmão, amigos e a todos que lutam para manter viva a cultura negra e suburbana. Agradeço ao professor Marcus Dohmann pela paciência e pelos anos de ensinamentos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. CONTRACULTURA	8
3. MOVIMENTO DOS DIREITOS CIVIS	10
3.1. Martin Luther King	10
3.2. Malcom X	11
3.3. Panteras Negras	12
4. BLACK MUSIC	14
4.1. R&B	15
4.2. Gospel	15
4.3. Soul	15
4.4. Funk	16
5. BLAXPLOITATION	17
6. SUBÚRBIO CARIOCA	20
7. MOVIMENTO BLACK RIO	21
8. REALIZACAO DA FONTE	27
8.1. Elementos tipográficos na cultura Black	27
8.1.1 Cooper Black	28
8.1.2. Grafiiti	29
8.2. Classificação Tipográfica	30
8.3. Rascunhos	30
8.4. Anatomia Tipográfica	33
8.5. Limites Tipográficos	34

8.6. Caixa baixa	34
8.7. Caixa alta	38
8.7. Numerais	41
8.8. Sinais e Símbolos	41
8.9. Kerning	42
 9. APLICAÇÕES	 43
 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	 48
 11. REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 49

RESUMO

Este projeto de conclusão de curso consiste na elaboração de uma tipografia inspirado no Black Rio, movimento musical, comportamental e político nascido no subúrbio carioca na década de 1970. Seu objetivo é, através do desenho de uma fonte e suas aplicações, resgatar este fenômeno de massa que luta para não cair no esquecimento, em função dos escassos registros históricos da cultura negra nacional. Fundamentado pelo contexto histórico e por uma pesquisa visual de capas de discos, cartazes e registros fotográficos da época, a tipografia desenvolvida transmite a força e o gingado dos bailes blacks.

Palavras-chave: Design, Música, Empoderamento, História, Tipografia

1. INTRODUÇÃO

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontou que em 2016 a população brasileira era de 205,5 milhões de habitantes, destes, 54% se declararam negros (pretos e pardos). Mesmo sendo maioria na sociedade brasileira, a população negra tem boa parte da sua história negligenciada e omitida.

Em 13 de maio de 1888 aconteceu a abolição da escravidão no país. Apenas em 2003, através da Lei 10.609/2003, de 9 de janeiro, tornou-se obrigatório o ensino da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil. Essa lei tardia e a insuficiente preservação dos registros históricos do povo negro no Brasil são responsáveis por um importante fato na cultura nacional passar despercebido por grande parcela da sociedade, o Movimento Black Rio.

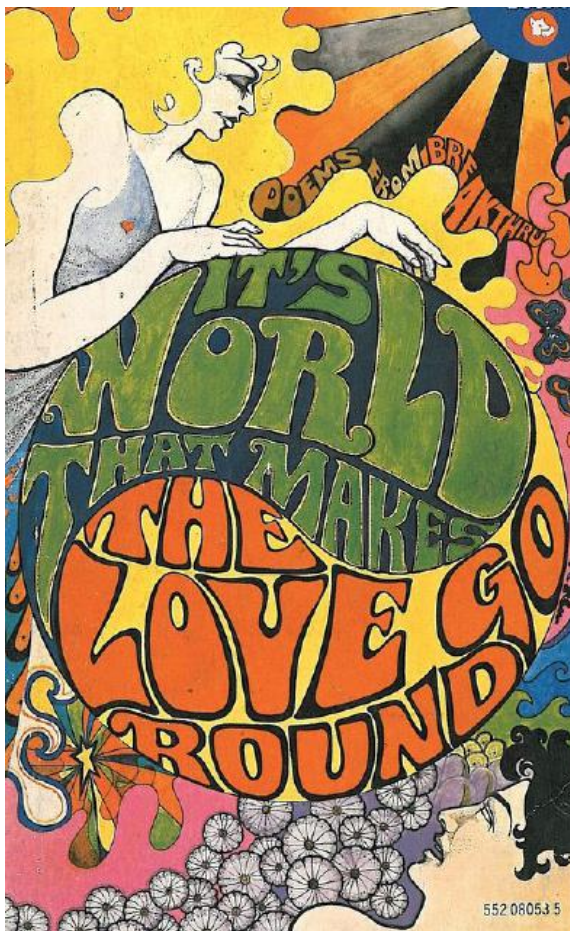
Nos anos de 1970, milhares de jovens negros oriundos do subúrbio carioca lotavam bailes em busca de diversão e afirmação racial. Inspirados no Movimento dos Direitos Civis e na soul music norte-americana, surge o Black Rio. Mesmo tendo sua própria identidade, críticos taxavam esse fenômeno de massa como um modelo de importação de extremismo afro-americano. Através da música e dança, esse movimento foi um fenômeno sociológico e político que inspirou diversas manifestações culturais subsequentes, como por exemplo, o funk carioca e os bailes chame.

O designer tem um papel importante dentro da sociedade, pois possui o poder e a responsabilidade de atingi-la positivamente. No livro Elementos do Estilo Tipográfico, escrito por Robert Brighurts e publicado no Brasil em 2005, o autor cita a importância da compreensão entre as letras e todas as coisas criadas pelo homem, como a arte, política e filosofia. Este projeto tem o objetivo engrandecer o Movimento Black Rio através da criação de uma fonte e reaver todo contexto histórico que o influenciou.

2. CONTRACULTURA

O início da Guerra Fria foi um momento histórico marcado pela imposição de um modelo comportamental americano, sua cultura seguia as tendências ditadas por uma industrialização massificada. A contracultura surge para romper o ideal de consumismo desenfreado e seus padrões sociais. Foi um movimento de caráter pacífico que condenava a cultura capitalista dominante.

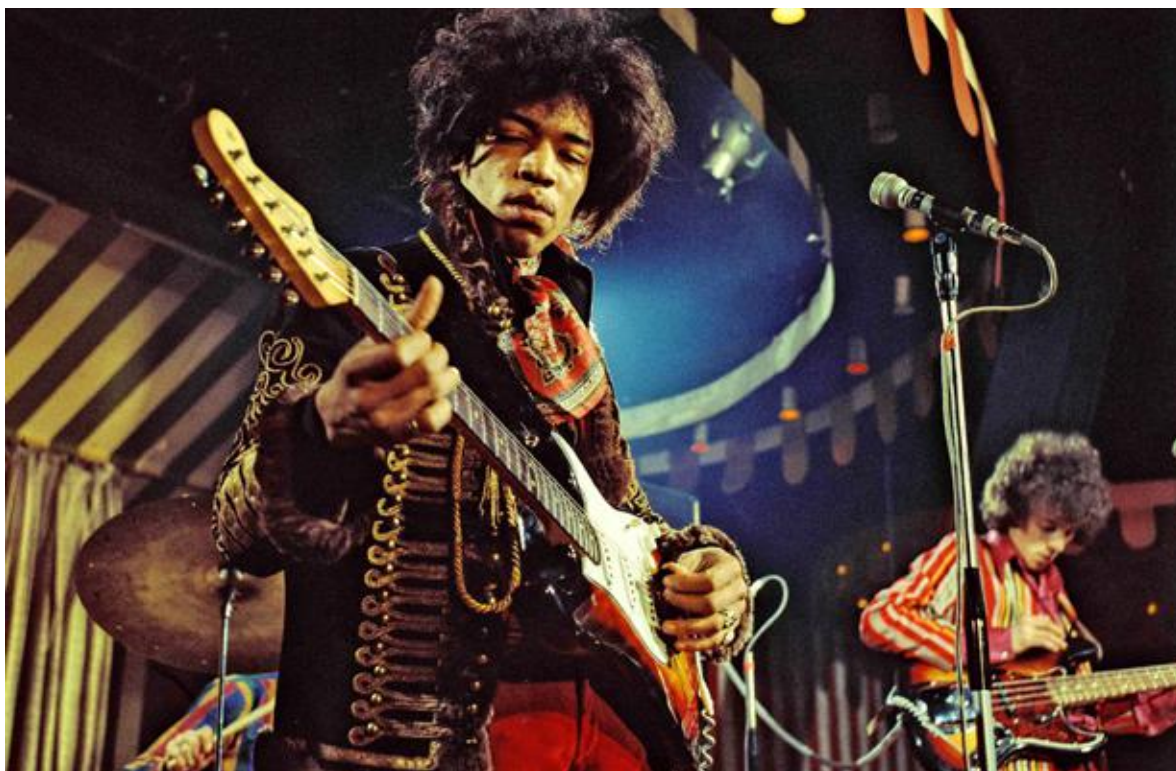
Neste mesmo período surgem os Híppies, jovens que pregavam a paz e amor contra o conservadorismo e totalitarismo. Em festivais de Rock, o consumo de drogas, as roupas coloridas e os cabelos grandes afirmavam a identidade desses jovens. Artistas como Jimi Hendrix, Janis Joplin e a banda The Who eram principais representantes do Rock na contracultura.



Cartazes Híppies Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/412572015837600644/>. Acesso em 8 de setembro. 2018.

Cartazes do movimento Hippie empregavam uma estética psicodélica, com imagens distorcidas e uma grande diversidade de cores e movimentos. As tipografias utilizadas apresentavam características infladas e orgânicas, lembrando fontes do período Art Nouveau.

Dentro desse contexto, movimentos pelos direitos dos cidadãos negros também ganharam força, dando início ao Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos da America.



Jimi Hendrix. Disponível em: <https://universidadedocotidiano.catracalivre.com.br/o-que-aprendi/soci-esc/quem-foi-jimi-hendrix/>. Acesso em 14 de maio. 2018.

3. MOVIMENTO DOS DIREITOS CIVIS

O movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos ocorreu entre 1955 e 1968. A luta se deu em virtude da segregação racial que imperava grande parte do país. O povo negro era proibido, por exemplo, de entrar em bares, barbearias e restaurantes. Diversos estabelecimentos privados e públicos eram exclusivos para pessoas de pele branca.

Em 1º de dezembro de 1955, na cidade de Montgomery, no Alabama, a costureira negra Rosa Parks se recusou a levantar para que uma pessoa branca sentasse em seu lugar no ônibus. Rosa foi presa, julgada e condenada por infringir a lei que obrigava pessoas de pele negra a sentar apenas no fundo dos ônibus.

Este acontecimento gerou vários atos de protesto organizados por lideranças negras para boicotar o transporte público de Montgomery, que quase foi à falência. Esse foi o marco inicial da luta por igualdade e direitos do povo negro norte-americano, que posteriormente se espalhou pelo mundo.

3.1. Martin Luther King

Martin Luther King, um pastor da igreja protestante, foi um dos personagens mais importantes na luta por igualdade racial. Sua liderança iniciou no boicote aos ônibus na cidade de Montgomery, Alabama, após a prisão de Rosa Parks. O protesto culminou na ilegalidade da discriminação em transportes públicos, garantida pela Suprema Corte Americana.

Ele assumiu a Conferência da Liderança Cristã do Sul, órgão que organizava as marchas por direito ao voto e fim da discriminação racial nos ambientes de trabalho e públicos. Luther King pregava suas idéias de forma não-violenta, mesmo sendo retaliado através da força e truculência policial. A filosofia de não-violência foi baseada no pacifista indiano Mahatma Ghandi¹.

Em 1963 liderou a Marcha sobre Washington, manifestação pacífica que reuniu cerca de 250 mil pessoas na capital americana, para reivindicar liberdade

¹ Mahatma Gandhi foi o idealizador e fundador do moderno Estado indiano e o maior defensor do Satyagraha, forma não violenta de protesto, como um meio de revolução.

racial e justiça social.

No dia 14 de outubro de 1964, o Prêmio Nobel da Paz foi concedido à Martin Luther King pela sua luta não-violenta pelo fim do preconceito racial e por direitos civis. Em quatro de abril de 1968, foi assassinado com um tiro na sacada de um hotel em Memphis. O legado de Luther King é um exemplo na luta por igualdade.



Martin Luther King. Disponível em: <https://blog.estantevirtual.com.br/2018/01/16/o-legado-de-martin-luther-king/>. Acesso em 14 de maio. 2018.

3.2. Malcom X

Malcom X foi um importante líder na luta contra o racismo entre as décadas de 1950 e 1960. Nascido na cidade de Omaha, em 1925, Malcom, ainda criança, perdeu o pai assassinado e viu sua casa ser incendiada pelo grupo racista branco Ku Klux Klan.

Com vinte e um anos de idade foi preso por praticar assaltos. Na cadeia passou a estudar o Islamismo, seguindo os ensinamentos de Elijah Muhammed, líder da “Nação do Islã”. Ao sair da cadeia, Malcom viajou pelos principais estados norte-americanos para disseminar suas idéias de defesa do povo negro.

Diferente de Martin Luther King, que pregava uma resistência não-violenta

contra o racismo, Malcom defendia a separação racial e criação de um Estado autônomo para os negros. No dia 21 de fevereiro de 1965, Malcom X foi assassinado enquanto discursava no bairro do Harlem, em Nova York.

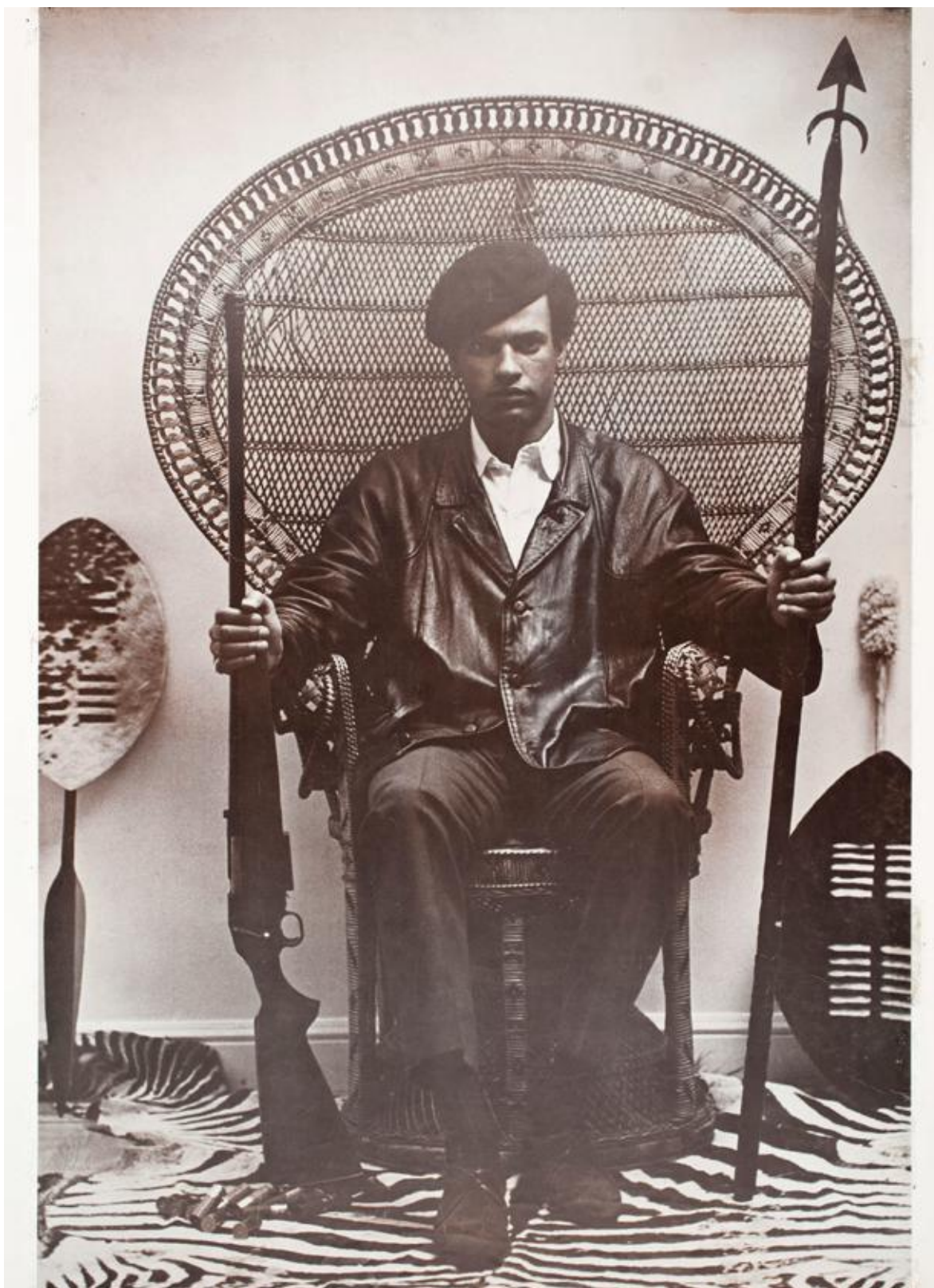


Malcom X. Disponível em: <https://www.comunidadeculturaearte.com/vem-ai-uma-serie-sobre-malcolm-x/>. Acesso em 28 de maio. 2018.

3.3. Panteras Negras

Os Panteras Negras foram um dos grupos mais radicais na luta contra o racismo nos Estados Unidos. Criado em 1966 por Huey P. Newton e Bobby Seale, na cidade de Oakland, Califórnia, os Panteras Negras defendiam a resistência armada contra a opressão sofrida pelos negros, patrulhavam os guetos e protegiam seus moradores da violência policial. Seus métodos diferenciavam-se das ações pacíficas de Martin Luther King e do caráter religioso de Malcom X.

O movimento se espalhou pelos Estados Unidos, chegando a contabilizar dois mil membros no final da década de 1960. Os Panteras Negras chegaram a ser classificados pelo FBI, como a maior ameaça interna americana. Após sofrer muitas perseguições e retaliações do Estado, o movimento se dissolveu no início dos anos de 1980.

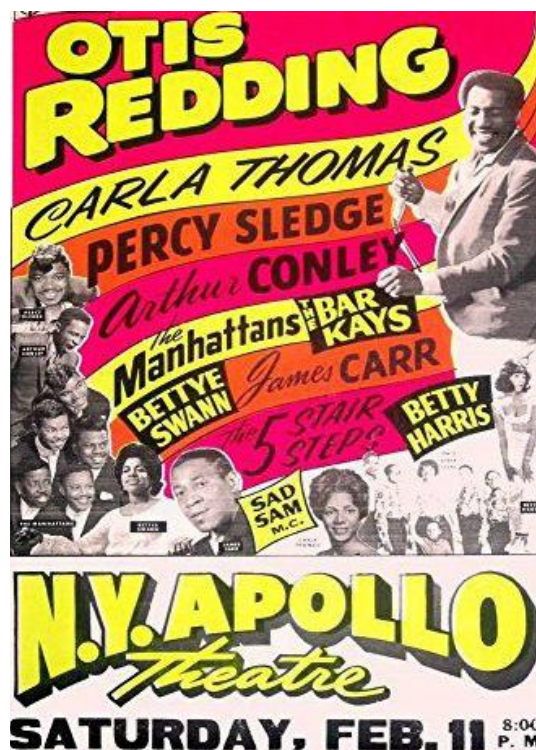
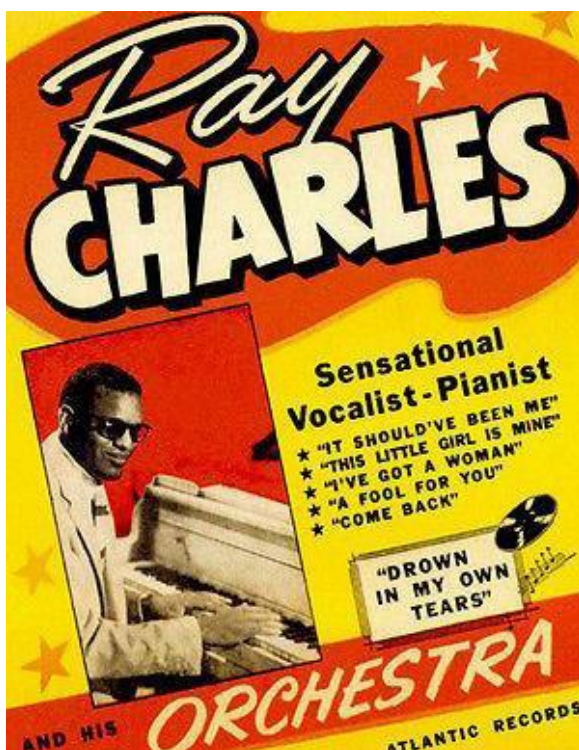


Huey P. Newton, fundador dos Panteras Negras. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/aew4dk/os-clubes-armados-revolucionarios-que-patrlham-os-bairros-negros-de-dallas. Acesso em 20 de junho. 2018.

4. BLACK MUSIC

A música negra, nascida na África, foi levada para o continente Americano pelos escravizados. Nas plantações de algodão do sul dos Estados Unidos, cânticos serviam para não perder o elo com sua origem e abrandar os sofrimentos da escravidão. Essas canções ficaram conhecidas como Work Songs (músicas de trabalho) e deram origem a diversos estilos musicais como o Jazz, Blues, R&B, Funk, Gospel, Rock and Roll e mais recentemente o Rap. Na década de 1940, a revista Billboard² batizou esse gênero musical de Black Music.

Cartazes de artistas de Black Music na década de 1950 seguiam a tendência da época e mesclavam caligrafias com fontes robustas, criando uma estética divertida. A aplicação de sombras nas tipografias era muito utilizada para aumentar o destaque dos títulos, já que nesse período não haviam muitos recursos gráficos.



Cartazes de artistas de Black Music na década de 1950 . Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/323625923202437112/>. Acesso em 10 de setembro. 2018.

² Revista semanal norte-americana especializada em informações sobre a indústria musical.

4.1. R&B

O R&B (Rhythm and blues) também é um termo comercial introduzido nos Estados Unidos no final da década de 1940 pela revista Billboard. Essa nomenclatura foi usada originalmente para descrever gravações comercializadas predominantemente por artistas afro-americanos. Esse estilo tem como característica um arranjo vocal suave e uma base instrumental de saxofone, bateria e guitarra.

4.2. Gospel

O Gospel é um gênero musical originado na música negra cristã norte-americana, no início do século XX. Seu estilo de música harmônico contava com um coral e uma banda, formando um grande conjunto musical. Pretendiam dar um ritmo mais animado aos louvores e hinos tradicionais da igreja.

4.3. Soul

Da união do R&B e do Gospel surge a Soul Music, durante o final da década de 1950. Ficou conhecido por sua característica dançante por meio de instrumentos de sopro em suas bandas. Artistas como Nina Simone, Marvin Gaye, Stevie Wonder, a gravadora Motown³ e outras estrelas da música norte-americana, fizeram parte desta vertente da Black Music.

A Soul Music também teve um papel importante para a música e o negro brasileiro, como conta o livro 1976 Movimento Black Rio:

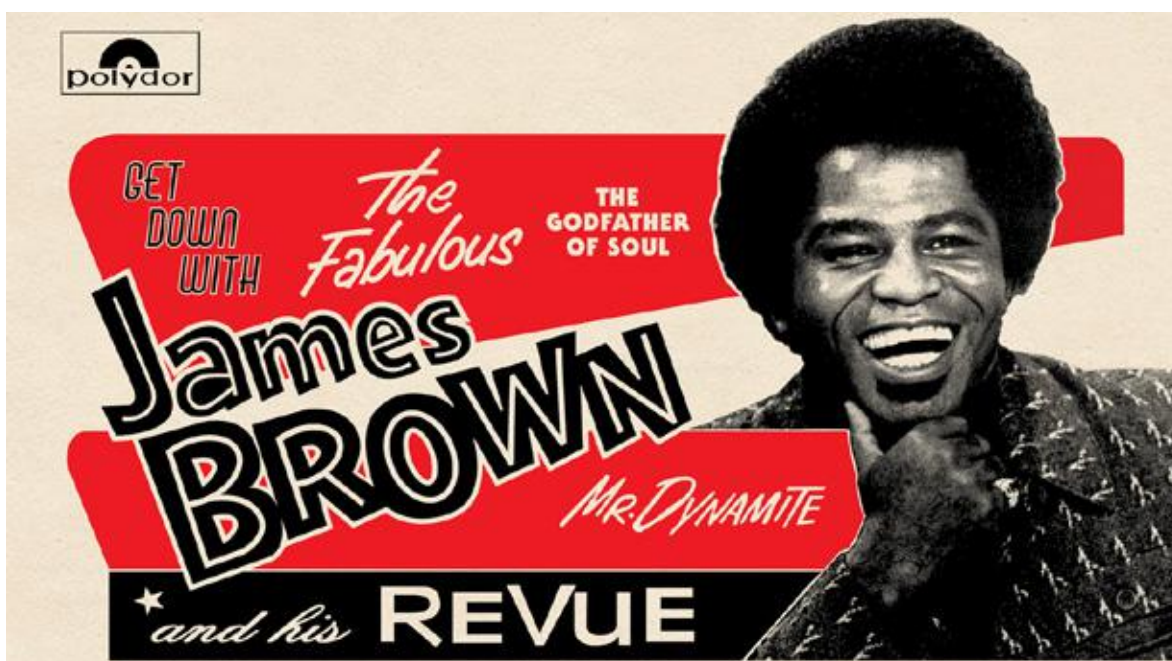
O soul é de origem negra. A África, seu ponto de partida. Os negros norte-americanos identificaram o continente africano como um berço, uma nascente. Para o negro brasileiro o soul também representava esse nascedouro. A política e as expressões culturais do negro nos Estados Unidos atingiam, com mais força e evidência, o jovem negro carioca da década de 1970 - também influenciados pelos dreadlocks de Bob Marley, Peter Tosh, Jimmy Cliff. A valorização da identidade, a descoberta de uma estética negra, a liberdade de expressão. (SEBADELHE; PEIXOTO: 2016, p.137)

³ Renomada gravadora de Detroit que consagrou artistas como Marvin Gave, Stevie Wonder, The Supremes, Jackson 5, Diana Ross, Lionel Ritchie.

4.4. Funk

O Funk foi popularizado pelo cantor James Brown na década de 1960. Surgiu da mistura do Soul, Jazz e R&B, criando uma nova forma rítmica e dançante. Tira a ênfase da melodia e da harmonia, trazendo um forte groove de bateria e baixo elétrico.

Na década de 1980 o Funk foi desmembrado em alguns subgêneros. Um desses subgêneros é o Funk Carioca, ritmo influenciado pelo Miami Bass, estilo musical originário da Flórida, que utilizava uma batida eletrônica mais acelerada com letras de temáticas eróticas.



Divulgação de Show do James Brown. Disponível em: <https://www.npr.org/artists/15316566/james-brown>. Acesso em 20 de junho. 2018.

5. BLAXPLOITATION

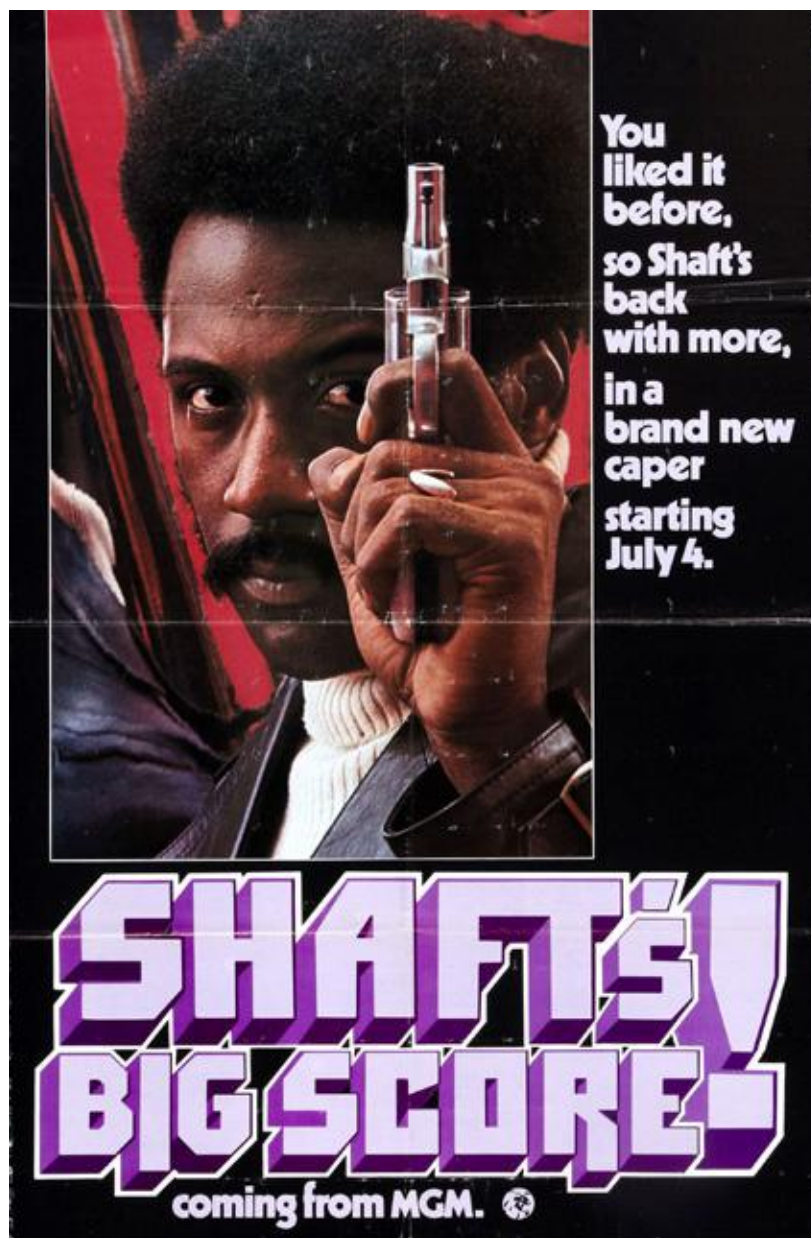
Blaxploitation foi um movimento cinematográfico norte-americano nascido nos anos de 1970. O termo surgiu da fusão das palavras Black (negro) e Exploitation (exploração). Com diretores e atores negros gerenciando as produções, o Blaxploitation tinha como público-alvo os negros norte-americanos. Com temáticas atrevidas e violentas, romantizavam a inversão do status quo, debochando de expoentes racistas através de filmes de baixo orçamento.

Relatando a marginalidades dos guetos, esse movimento foi extremamente importante para a formação de identidade do negro como protagonista, deixando de lado papéis secundários e assumindo a figura de herói. Foi um contraponto à cultura hegemônica hollywoodiano, onde os principais papéis das produções eram ocupados exclusivamente por atores brancos.



Cartazes de filmes Blaxploitation. Disponível em: <https://fi.pinterest.com/pin/393783561139970273/?lp=true>. Acesso em 20 de junho. 2018.

O filme mais famoso deste movimento cinematográfico foi Shaft (1971). Dirigido por Gordon Parks e estrelado por Richard Roundtree, o filme conta a história de um detetive negro, John Shaft, que se envolve com a máfia italiana para resgatar a filha de um outro criminoso. O álbum da trilha sonora do filme foi gravado por Isaac Hayes e a música "Theme from Shaft" ganhou o Oscar de melhor trilha sonora original de 1972.



Cartaz do filme Shaft. Disponível em: <http://wrongsideoftheheart.com/2009/02/shafts-big-score-1972-usa/>. Acesso em 20 de junho. 2018.

As trilhas sonoras dos filmes eram compostas por músicos, arranjadores e produtores consagrados da música negra norte-americana, como: Curtis Mayfield, Isaac Hayes, Quincy Jones, Barry White e Marvin Gaye. O cantor James Brown, apelidado de Big Boss, era o artista soul/funk mais assediado pela indústria cinematográfica para compor trilhas de Blaxploitation. Em *Black Caesar*, filme que relata a ascensão e queda de um mafioso de Nova York, James Brown imortalizou as faixas “Down and out in the New York”, “Make it good to yourself”, além do blues “Mamas’s dead”. A trilha deste filme elevou a carreira de James Brown a um nível global, como destaca o livro *1976 Movimento Black Rio*:

Depois que o filme foi lançado mundialmente, o trabalho de James Brown ganharia uma ressonância ainda maior nos lugares mais diversos do planeta: Índia, Laos, Bogotá e em instâncias mais improváveis. No mundo todo, as minorias e populações desprovidas se identificavam com cenas de vingança protagonizadas por personagens excluídos ou à margem da sociedade. (SEBADELHE; PEIXOTO: 2016, p.137)



Cena do filme *Black Caesar*. Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/b2/fc/86/b2fc865d30088f3fcddfb87070b2d39a.jpg>. Acesso em 20 de junho. 2018.

6. SUBÚRBIO CARIOCA

O Rio de Janeiro era a capital do Brasil no início do século XX e o país vivia um período de transformações. Pereira Passos, o prefeito da época, planejou uma modernização da cidade inspirado nas reformas do Barão de Haussmann, na Paris do século XIX. Estas reformas foram responsáveis pelo crescimento das favelas, em virtude da destruição dos cortiços do centro da cidade, consolidando também a criação dos eixos Zona Norte e Zona Sul, já que boa parte dessa população mais pobre migrou para áreas distantes da região central.

O termo subúrbio era designado aos bairros distantes do centro, como consta seu significado no dicionário: “Bairro situado nos arrabaldes de uma cidade, longe do centro”, mas dentro do linguajar popular, seu significado ganhou um novo sentido. Segundo o professor do departamento de geografia da Universidade Federal Fluminense, Nelson da Nóbrega Fernandes, em seu livro “O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858-1945” (Editora Apicuri, 2011), essas reformas tinham ideologias elitistas e cunharam a palavra “subúrbio” como algo pejorativo. A segregação causada por essas transformações resultou na desmoralização dessa massa menos favorecida economicamente, que foi ocupando, principalmente, espaços próximos à linha férrea.



Linha ferrea carioca em 1975. Disponível em: <https://fotos.estadao.com.br/fotos/acervo,pingentes-no-trem,556759>. Acesso em 11 de julho. 2018.

7. MOVIMENTO BLACK RIO



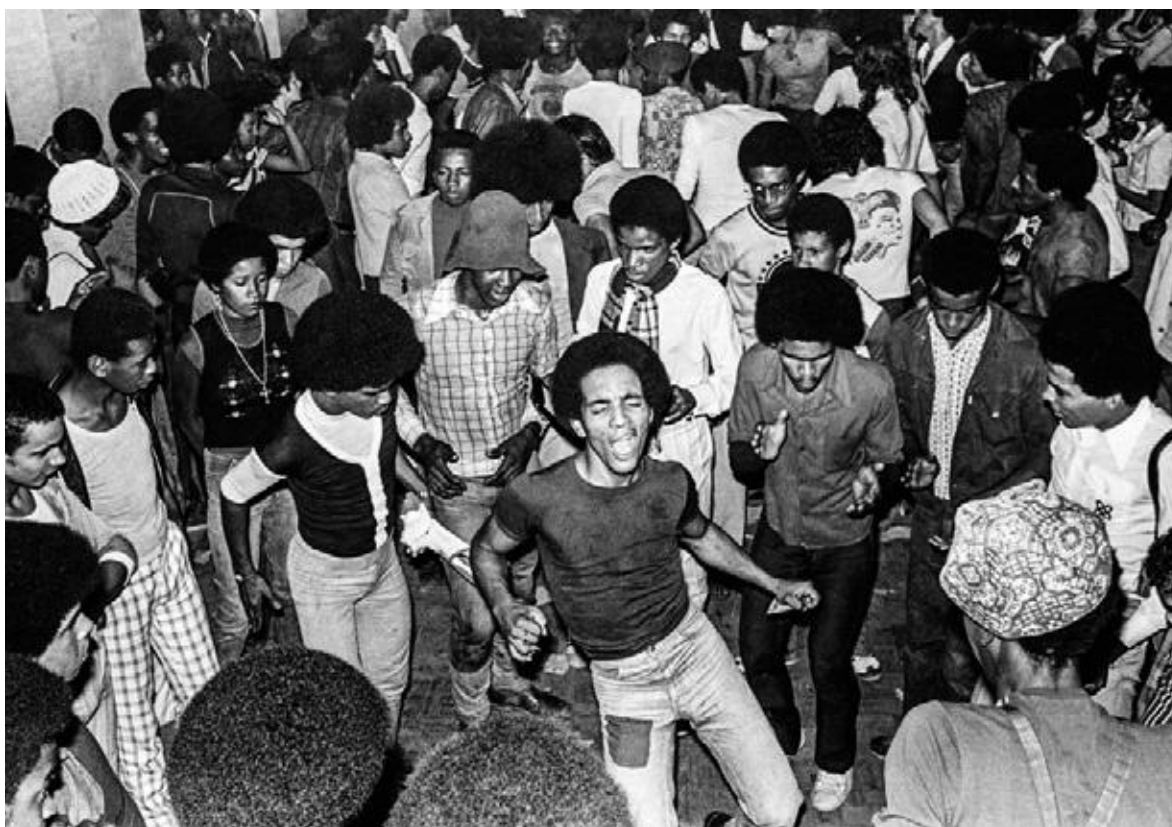
Baile Black nos anos 1970. Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2016/07/26/referencia-para-funk-carioca-movimento-black-rio-se-renova-aos-40-anos.htm>. Acesso em 18 de maio. 2018.

Até os anos de 1960 a separação entre as áreas do Rio de Janeiro era nítida. Basicamente, na Zona Norte morava a classe operária, o Centro era a região dos locais de trabalho e a Zona Sul era o berço de todo entretenimento. A única interseção entre essas regiões eram os trens e ônibus lotados que cruzavam a cidade transportando a população mais pobre até seus devidos trabalhos. O divertimento na Zona Norte se reservava às quadras de Escolas de Samba nos períodos de carnaval. Porém, um grupo de jovens suburbanos já não se identificava mais com a tribo do samba.

A exclusão social estava presente nas portas das nossas casas. Foi o momento em que o Rio de Janeiro partiu definitivamente para um processo de crescente de guetização. Nos subúrbios cariocas, na minha juventude, existia uma definição muito determinante sobre o significado de tradição cultural e opções de lazer para aquela população periférica, que de certa forma permanece até hoje. (SEBADELHE; PEIXOTO: 2016, p.44)

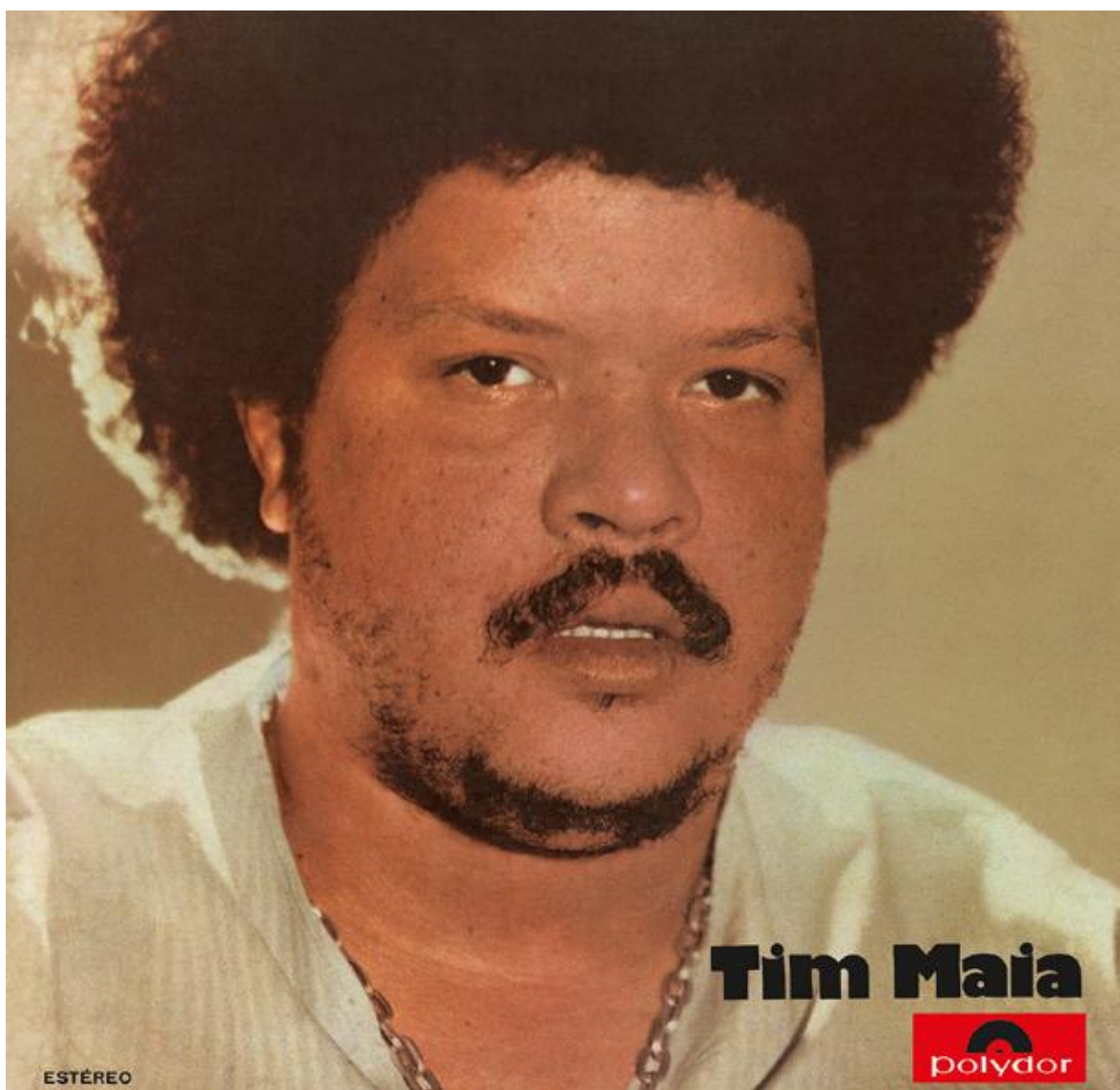
No começo da década de 1970 o Brasil vivia o período mais repressor da Ditadura militar que ficou conhecido na história como os “Anos de Chumbo” (entre 1968 e 1974). Enquanto isso, no subúrbio carioca, um movimento de identidade musical e racial ganhava forma espontaneamente. Inspirado na soul music norte-americana e na luta pelos direitos civis, surge o Movimento Black Rio. Com roupas extravagante e cabelos black power, uma juventude negra (pretos e pardos) lotava os Bailes Blacks em busca de diversão e empoderamento. Autoestima definia essa tribo urbana.

A massa black estava constituída. Milhares de rapazes e moças, negros ou mestiços, oriundos das áreas suburbanas da cidade e que seguiam os mesmos preceitos, trejeitos e comportamentos. Além das cabeleiras e roupas extravagantes, um sentimento se autoproclamava: I'm black and I'm proud. A postura deixava de ser puramente estética para se tornar atitude e convicção. (SEBADELHE; PEIXOTO: 2016, p.76)



Baile Black nos anos 1970. Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2016/07/26/referencia-para-funk-carioca-movimento-black-rio-se-renova-aos-40-anos.htm>. Acesso em 18 de maio. 2018.

Artistas como Hyldon, Tim Maia e Cassiano tiveram papel importante no movimento, pois levavam a música cantada em português para os bailes. Clássicos como “Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda” e “As Dores do Mundo”, de Hyldon; “Coleção” e “A Lua e Eu”, de Cassiano; e “A Festa de Santo Reis”, “Não Quero Dinheiro (Só Quero Amar)”, “Não Vou Ficar”, “Você” e “Eu Gostava Tanto de Você”, sucessos na voz de Tim Maia, embalavam as noites do subúrbio da cidade. A cantora Sandra de Sá era considerada a diva desse time de músicos, responsável por sucessos como “Olhos Coloridos” e “Enredo do meu samba”.



Capa do LP Tim Maia - 1970. Disponível em: <https://armazemdovinil.com/produto/disco-de-vinil-tim-maia-1971/>. Acesso em 02 de agosto. 2018.

Com o triunfo dos bailes, cerca de trezentas equipes de som surgiam para atender os eventos provenientes de bairros classificados como zonas de população operária. A reportagem “Black Rio - O orgulho (importado) de ser negro no Brasil”, assinada pela jornalista Lena Frias, publicada em 1976 pelo Jornal do Brasil, calculava um público de 1,5 milhões de frequentadores nos bailes blacks espalhados pela cidade durante os finais de semana. Bairros como Olaria, Irajá, Bangu, Rocha Miranda e Colégio eram verdadeiros celeiros de equipes de som. O clube Colégio F.C, por exemplo, era considerado o templo da música soul carioca.



Baile Black nos anos 1970. Disponível em: <http://maisquemoda.blog.br/2017/01/10/o-cenario-da-musica-afro-brasileira/>. Acesso em 18 de maio. 2018.

Nos Bailes Blacks as equipes de som eram as estrelas da noite. Além da potencia sonora, elas disputavam a exclusividade dos hits musicais, os discos mais raros para tocar na noite. Naquela época, discos internacionais eram de difícil acesso, um privilégio.

A grande aglutinação de jovens negros buscando afirmação como ideal em bailes nas áreas periféricas da cidade, chamou a atenção não só da mídia, mas também de agentes da repressão. Na época, alguns dos principais produtores e DJs foram convocados para averiguação policial. O DJ Paulão Black Power foi detido algumas vezes pelo DOI-CODI⁴, pois acreditavam que sua equipe de som teria ligação com o partido revolucionário norte-americano dos Panteras Negras.



Baile Black nos anos 1970. Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2016/07/26/referencia-para-funk-carioca-movimento-black-rio-se-renova-aos-40-anos.htm>. Acesso em 18 de maio. 2018.

⁴ Órgão subordinado ao Exército, de inteligência e repressão do governo brasileiro durante o regime militar.

O Movimento Black Rio presenteou a cidade do Rio de Janeiro com uma nova concepção de produção cultural. O movimento abriu espaço para o debate de temas que estavam em ebulição nos anos de 1970 e consolidou o movimento negro carioca através da música, dança e discursos de empoderamento. Deixou marcas na cultura da cidade e sua essência se faz presente até os dias de hoje.

Mesmo não tendo o devido reconhecimento como agente transformador, o Movimento assumiu um papel inquestionável de mudanças e paradigmas e foi elemento motivacional de diversas frentes. Muitíssimo além do que se consegue identificar. Não só estimulou o surgimento de instituições vinculadas à consciência negra, como veio a inspirar uma nova geração de artistas e subgêneros da música brasileira (como o samba-soul e o samba-jazz), despertando o interesse de nomes já consagrados da MPB e atingindo uma dimensão internacional. Não obstante, esse levante cultural teria continuidade em inúmeras manifestações subsequentes como, por exemplo, a onda dos bailes de charme, o hip-hop Rio e o fenômeno do funk carioca. (SEBADELHE; PEIXOTO: 2016, p.21)



Baile Black nos anos 1970. Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2016/07/26/referencia-para-funk-carioca-movimento-black-rio-se-renova-aos-40-anos.htm>. Acesso em 18 de maio. 2018.

8. REALIZAÇÃO DA FONTE

8.1. Elementos tipográficos na cultura Black

Após fazer uma pesquisa histórica sobre o Movimento Black Rio e todos os aspectos que o influenciaram, compilei elementos gráficos presentes nesse contexto. Dentro da cultura de exaltação do povo negro na década de 1970, peças gráficas chamavam atenção por sua originalidade, mesmo com baixos orçamentos nos projetos. Cartazes de filmes Blaxploitation, capas de discos e divulgação de bailes, todos tem em comum tipografias de impacto e com grande personalidade.

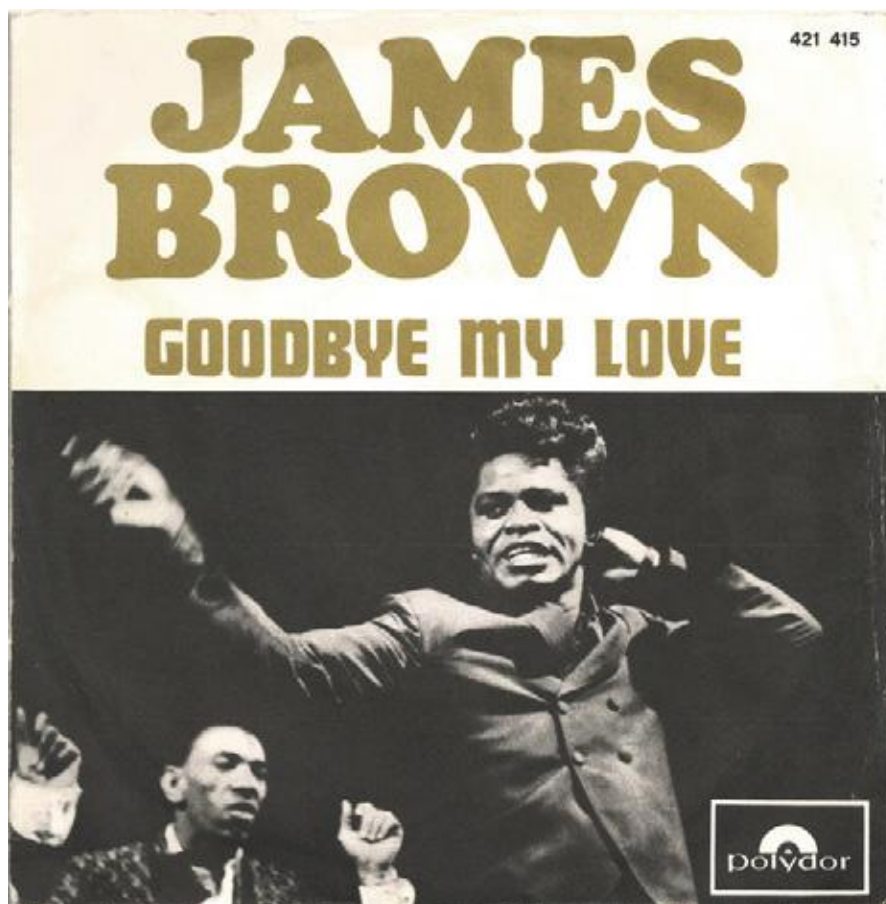


Moodboard Tipográfico.

8.1.1. Cooper Black

A Cooper Black é uma fonte serifada desenhada Oswald Bruce Cooper em 1921, seu desenho incorpora alguns aspectos do Art Nouveau e Art Deco. Tipógrafos e donos de fundições criticavam essa fonte, a chamavam de “The Black Menace” (A Ameaça Negra) por ela criar uma densa massa de tinta preta nos textos. Esse estilo de fonte serifada ficou conhecida como Fat Face, se caracteriza pelo grande contraste entre suas hastes e não por não ser adequada para leitura em tamanhos pequenos, mas sim para chamar a atenção em grandes aplicações.

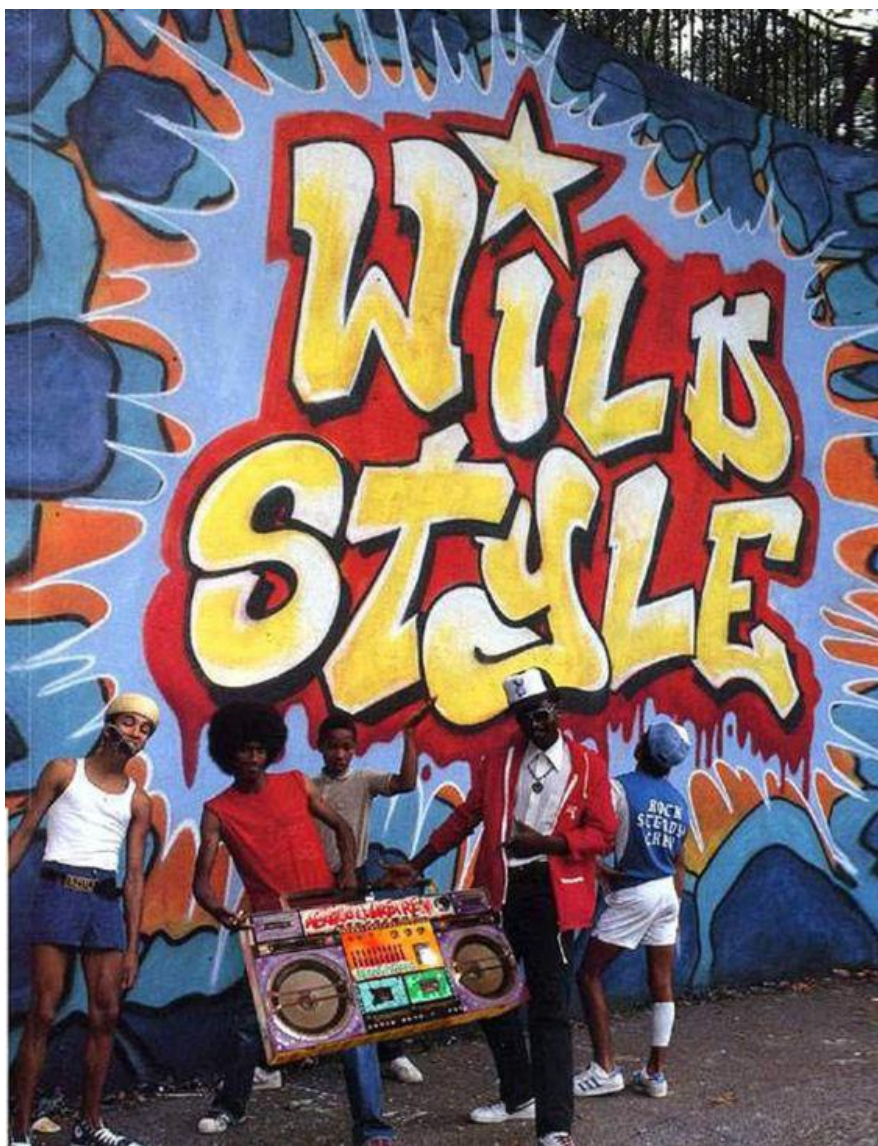
Na década de 1970 a Cooper Black se tornou uma fonte popular dentro da cultura Black. Foi utilizada capa do disco “Goodbye my love”, de James Brown, estampou camisas de diversos grupos de street dance e influenciou a estética inflada das letras de graffiti.



Disco “Goodbye my love”, de James Brown. Disponível em: <https://fontsinuse.com/typefaces/7357/cooper-black>. Acesso em 27 de julho. 2018.

8.1.2. Graffiti

Graffiti é a prática de fazer desenhos e inscrições em muros, geralmente utilizando a tinta spray. Ganhou popularidade nos anos 70, no Bronx, bairro de marginalizado de Nova York. Era utilizado como forma de comunicação entre membros de gangue, registrar indignações sociais ou para ganhar status. Graffitar um trem era o ápice dentro dessa tribo urbana. Os desenhos de suas letras se caracterizavam por uma estética exagerada e chamativa, pois a intenção dos artistas era deixar uma marca que pudesse ser vista de uma longa distância.



Graffiti feito nos anos de 1970 em Nova York. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/130111876713142595/?lp=true>. Acesso em 27 de julho. 2018.

8.2. Classificação Tipográfica

A partir desse estudo de características visuais de elementos tipográficos, conclui que o estilo de tipos que mais se enquadra com meu projeto são as Fat Faces. Surgiu no início do século XIX e caracteriza-se pela sua forma inflada e hipernegritada. Esse estilo também se enquadra como fonte Display, ou Fantasia, e não foi feita para leitura em tamanhos pequenos, mas sim para uso em anúncios e promocionais.

Como a idéia é a fonte apresentar características robustas e densas, assim como o peso tipográfico black, a batizei com o nome do movimento que a inspirou, Black Rio.

R. THORNE
Blackburn
Manchester
£ 2345678

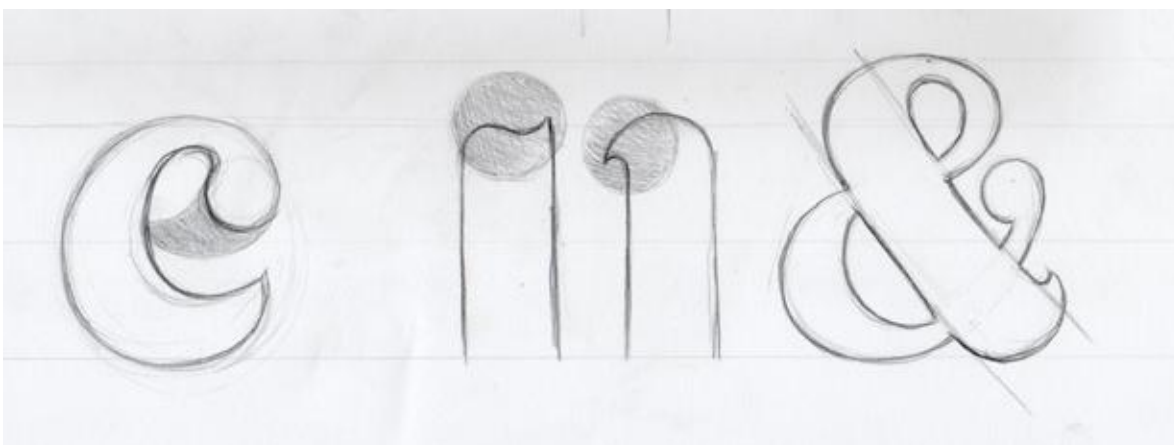
Thorowgood, fonte *Fat Face* criada em 1821. Disponível em: <https://www.linotype.com/2738/fat-faces.html>. Acesso em 03 de agosto. 2018.

8.3. Rascunhos

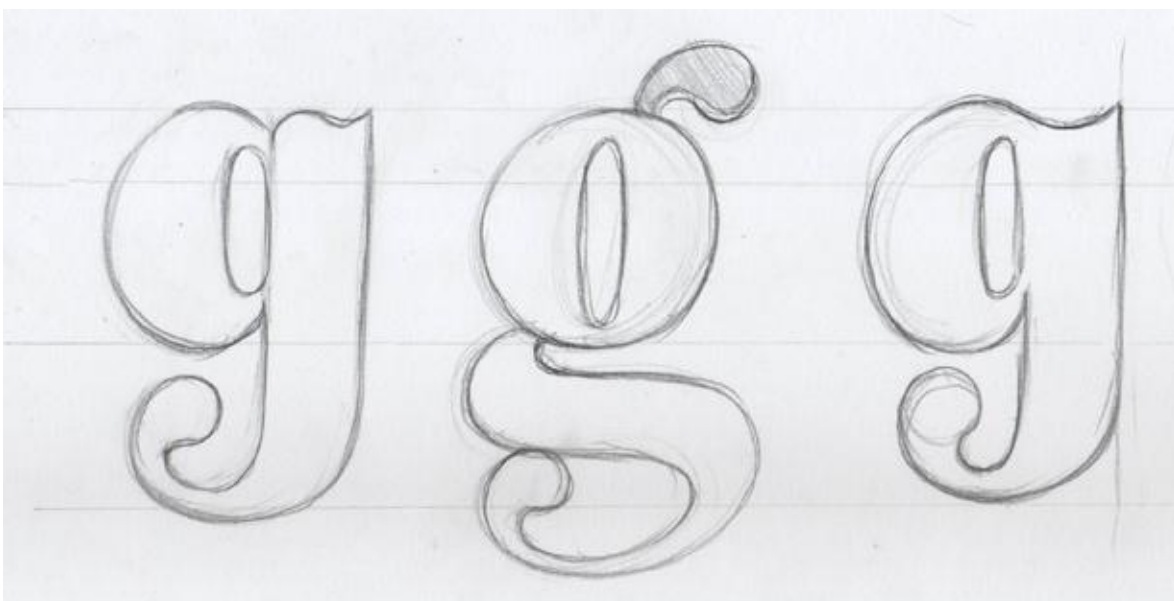
Os desenhos da fonte Black Rio começaram com esboços em papel. Os primeiros estudos serviram para identificar possíveis terminações e formas que transmitissem movimento, robustez e personalidade. No próprio desenho de algumas letras, comecei a encaixar elementos que formariam outras letras. O desafio dessa etapa do processo foi identificar o peso ideal para o tipo, já que não havia preenchimento total dos desenhos, por conta disso, o passo seguinte foi vetorizar as principais formas para visualizar a massa gráfica criada.



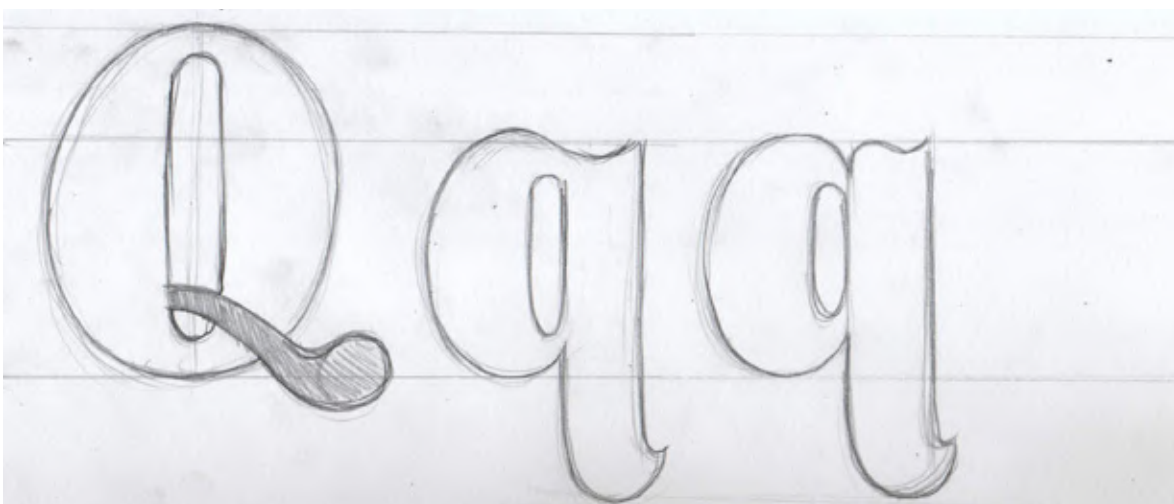
Rascunhos das letras “a” e “b” caixa baixa.



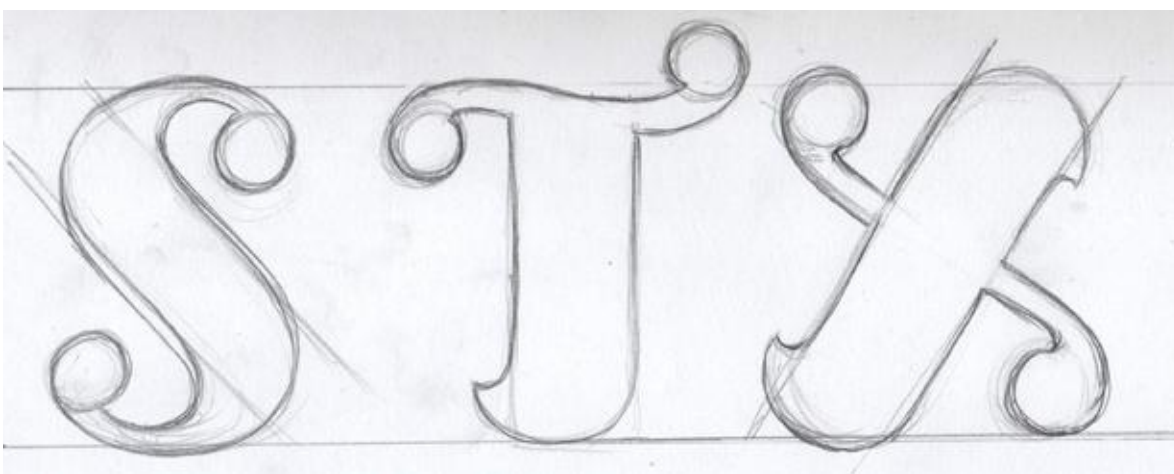
Rascunhos das letras “e” e estudo de terminações.



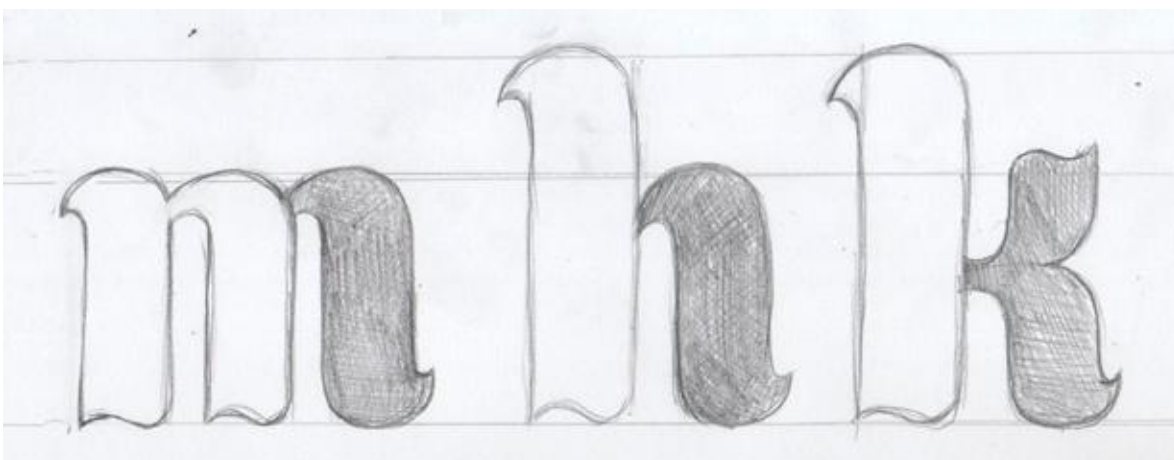
Rascunhos da letra “g” caixa baixa.



Rascunhos da letras “q” caixa alta e caixa baixa.



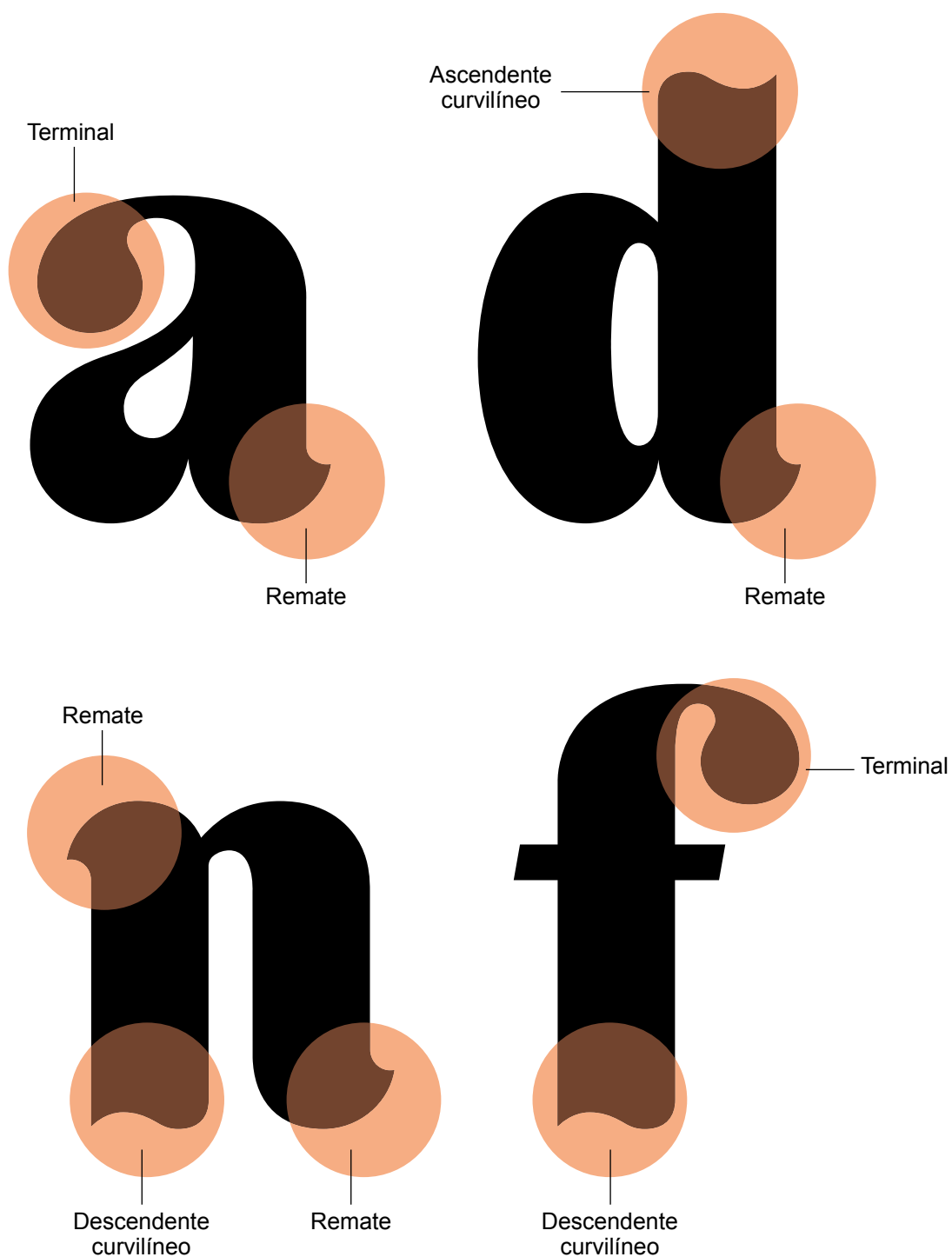
Rascunhos das letras “s”, “t” e “x” caixa alta.



Rascunhos das letras “m”, “n”, “h” e “k” caixa baixa.

8.4. Anatomia Tipográfica

A Black Rio não é uma fonte serifada. Sua anatomia robusta é composta basicamente por: um remate; uma haste com uma descendente ou ascendente curvilíneo; terminais arredondados. Levei em conta o equilíbrio das massas para escolher entre o remate e a descendente/ascendente curvilíneo.



8.5. Limites Tipográficos

A Black Rio é uma fonte mais compacta, em termos anatômicos. Sua Altura-x não é muito alta, suas descendentes e ascendentes seguem esse mesmo padrão, ajudando a ressaltar sua forma robusta e encorpada.

Naturalmente, dentro de uma família tipográfica, letras como “e”, “o” e “c” ultrapassam os limites da linha de base e altura-x para criar um equilíbrio visual. Por a Black Rio ser uma fonte como muitas formas arredondadas, a maioria de suas letras transcendem esses guias para manter a estabilidade.

Altura-x
Altura do corpo principal da letra minúscula

Linha ascendente
Parte que se prolonga acima da altura-x

Negritude

Linha base
Onde todas as letras repousam

Linha descendente
Parte que se prolonga abaixo da linha de base

8.6. Caixa baixa

As formas de algumas letras podem ser oriundas de outras já existentes. O processo de esboçá-las já incluindo, retirando e invertendo elementos criou um módulo que dá unidade às formas da Black Rio. Na criação das letras em caixa baixa esse recurso fica evidente.

A massa do desenho da Black Rio cria a necessidade de um olhar especial para o equilíbrio óptico de suas letras. As hastes não têm, necessariamente, o mesmo peso em todas as letras, assim como os terminais, que variam de espessura conforme a necessidade de estabilidade.

fji

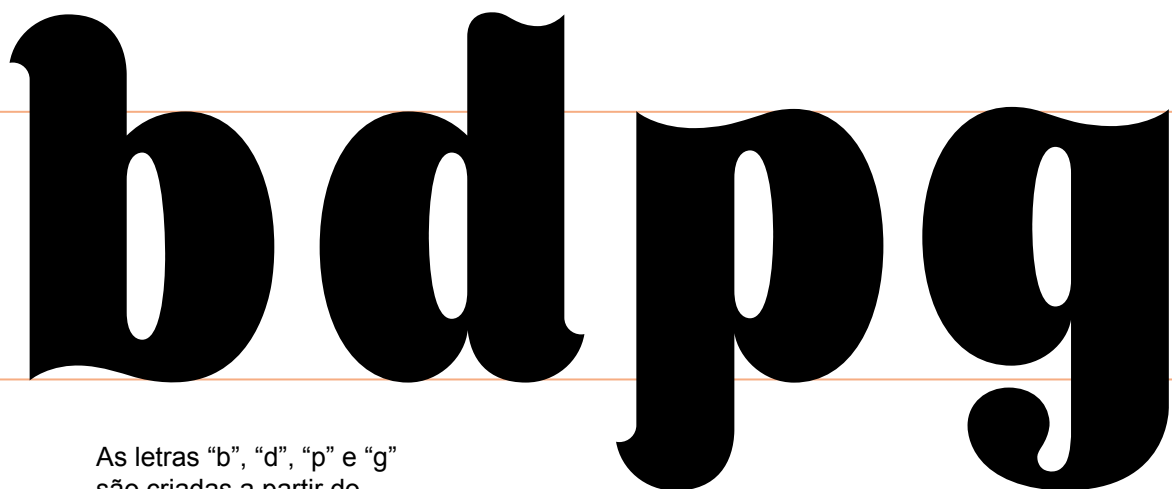
A letra “i” é invertida para criar o “j”, que consequentemente é utilizado na criação do “i”

Através do “v” criei o “w”, adicionando mais uma haste e equilibrando o peso de suas massas

vw

O “u” invertido deu origem ao “n”, que com a adição de mais uma haste e os devidos ajustes, deu forma ao “m”

unm



b d p g

As letras “b”, “d”, “p” e “g”
são criadas a partir do
mesmo bojo



a c

O terminal do “a”
refletido originou o
terminal da letra “c”



c e

A forma arredondada do “c” serviu
de base para a criação da letra
“e”. A continuação de sua haste
originou o olho do “e”

Black Rio - caixa baixa

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Acentuação - caixa baixa

**á à ã â ç é è ê
í î ó ô õ ú û û**

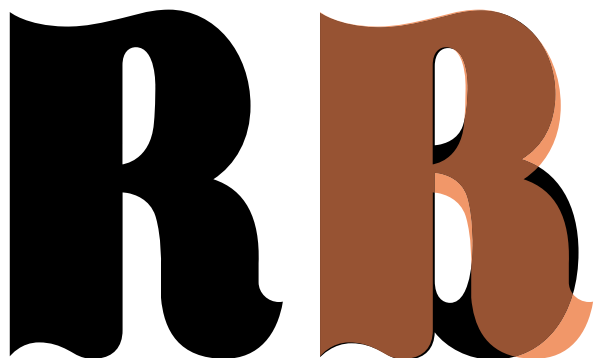
8.6. Caixa alta

A versão caixa alta da Black Rio é mais encorpada. Naturalmente sua altura é maior do que as letras em caixa baixa, mas foi preciso um aumento de espessura em sua massa para visualmente não parecer mais fina.

O uso do terminal foi mais frequente na anatomia das letras em caixa alta, assim a Black Rio não perde sua característica de passar movimento, mesmo sendo robusta e visualmente pesada.

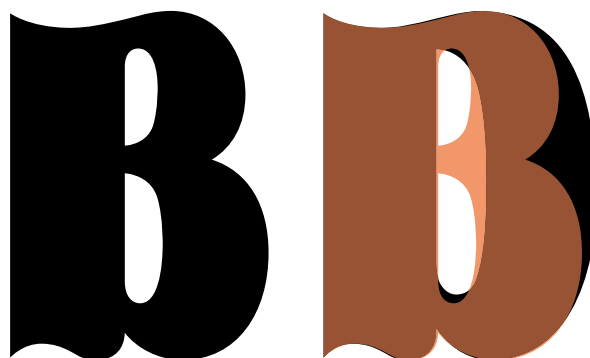
Alguns desenhos de letras mantêm a mesma forma da sua versão caixa baixa, sendo feito apenas alguns ajustes de proporcionalidade.

A letra “z” é um exemplo de letra em caixa baixa que manteve a mesma forma na versão caixa alta



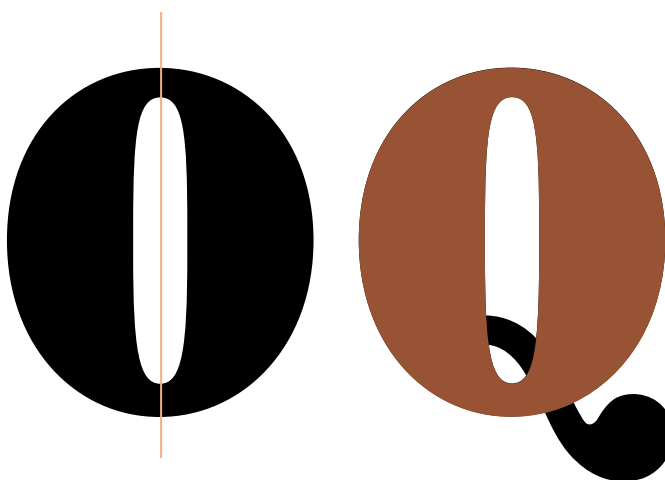
Através da letra “R” surge o “B”, com a o acréscimo de um bojo inferior

A forma do “B” foi utilizada como base para a criação do “D”, com a diferença de ser um bojo único



O terminal e a circunferência do “C” servem como base para o “G”

A letra “O” possui um eixo vertical e o acréscimo de uma cauda resulta no “Q”



Black Rio - caixa alta

A B C D E F G
H I J K L M N
O P Q R S T U
V W X Y Z

Acentuação - caixa alta

Á Â Ã Ä Ç È É Ê
Í Î Ï Ó Ô Õ Ö Ù Ú Û Ü

8.7. Numerais

1 2 3 4 5
6 7 8 9 0

8.8. Sinais e Símbolos

@ & \$? ! , . ; :
“ ” a o \ / ÷ + - x =
% { } ()

8.9. Kerning

A legibilidade e o equilíbrio de uma fonte são definidos pela harmonia na composição de palavras. O kerning é o termo em inglês que define o espaçamento ideal entre as letras, pois não é possível que todas tenham a mesma lacuna, já que cada uma tem o seu próprio formato e peso. Segue a baixo um teste de como a Black Rio se comporta dentro de um texto, nesse caso, na música “Olhos Coloridos” da cantora Sandra de Sá.

**Os meus
olhos coloridos
Me fazem refletir
Eu estou sempre
na minha
E não posso
mais fugir...**

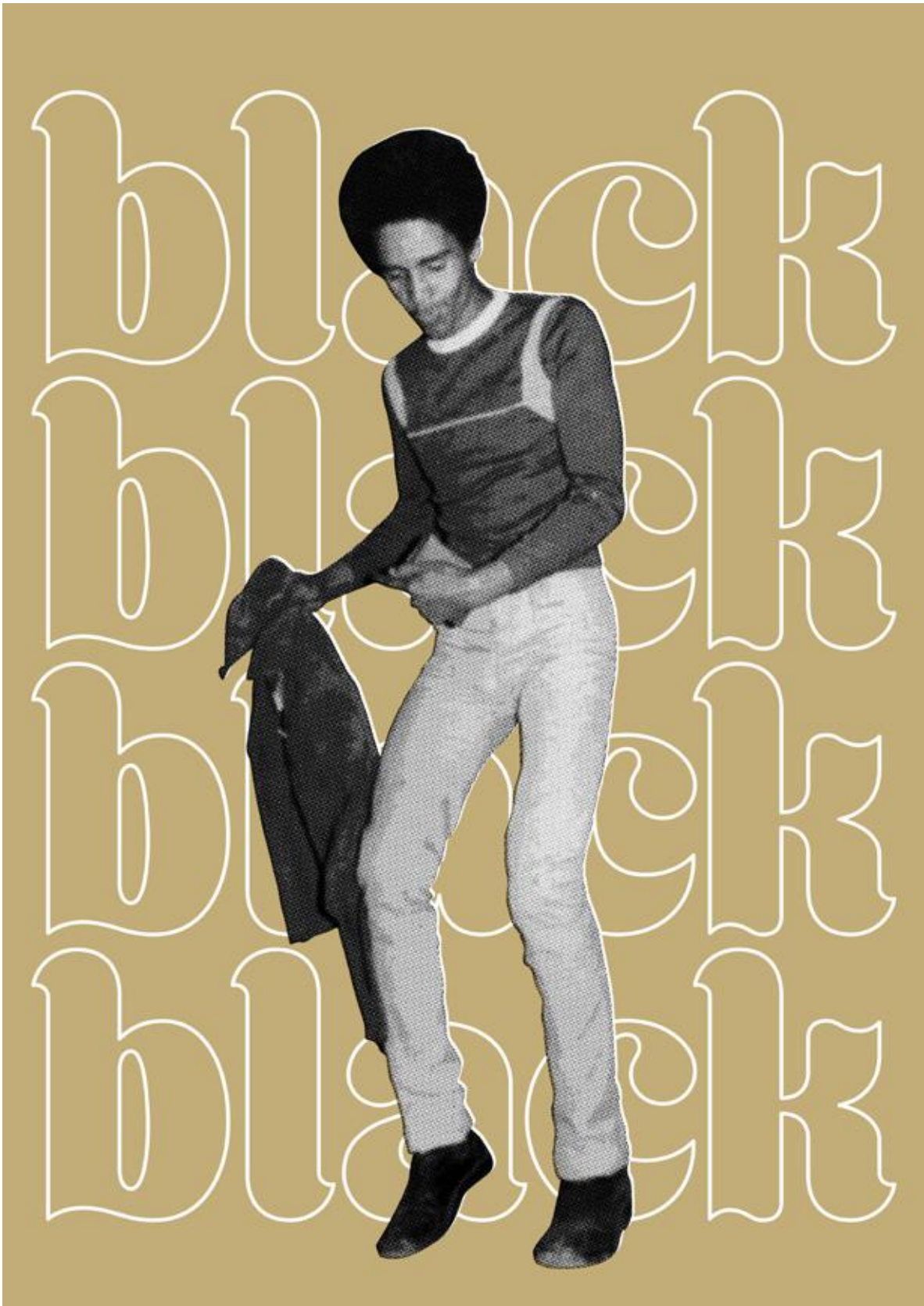
9. APLICAÇÕES

O advento da indústria de impressões em massa no século XIX possibilitou o crescimento do uso de cartazes de rua, sendo um disseminador de informações prático e barato. O processo litográfico, executado por meio de uma pedra calcária, de uma placa de alumínio ou de zinco e repulsão entre a água e a substância oleosa (tinta), possibilitou a impressão em quatro cores e com traços curvilíneos, permitindo a reprodução e a circulação massiva de imagens. Artistas franceses ficaram conhecidos, por se apropriarem dessa tecnologia para retratar cenas da vida noturna parisiense, criando cartazes de divulgação de espetáculos de cabaré, até então reproduzidos pelo método tipográfico.

Os cartazes foram amplamente utilizados em propagandas políticas na primeira e segunda Guerra Mundial. O pós-segunda Guerra foi um período de ressurgimento dessa mídia com um viés mais artístico. O movimento de contracultura a utilizava como forma de protesto, nesse mesmo período, artistas de rua começaram a se apropriar do caráter imediato e massivo dos cartazes. Essa vertente da arte urbana ficou conhecida como lambe-lambe e apresenta um caráter crítico, propondo uma reflexão contrária a alguma conduta social ou desigualdade. Impressos em papéis baratos e colados nos muros dos centros urbanos, o lambe-lambe é um prático difusor de mensagens.

Como citei anteriormente, fontes Displays são utilizadas normalmente em corpos maiores, para chamar a atenção. Por conta disso, optei por aplicar a Black Rio em três layouts de cartazes lambe-lambe, com uma temática de valorização do movimento Black nacional, exaltando nossos artistas e frequentadores dos bailes. Para simular a idéia de praticidade dos lambe-lambes, utilizei um número pequeno de cores, fotos com efeito de retícula e de erros de registro, características presentes nos impressos de baixo custo.






“
**Os meus
olhos coloridos
Me fazem
refletir**

**(Sandra
de Sá)**





**Azul
da cor do
mar**



**Azul
da cor do
mar**



**Azul
da cor do
mar**

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de conclusão de curso dispõe-se a enaltecer um movimento que poucos conhecem em função da negligência perante a história do povo negro no Brasil. Através de uma pesquisa histórica que se inicia no movimento de contracultura, passando pelas origens da Black Music, chegado ao subúrbio carioca e ganhando personalidade nos bailes dançantes, o Movimento Black Rio é totalmente descontraído para inspirar o desenho de tipos. Mesmo com sua anatomia robusta, a fonte Black Rio apresenta todo o movimento e gingado que embalavam milhares de jovens cariocas nas noites suburbanas dos anos de 1970.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Heitor. Blaxploitation: o gênero que obrigou o mundo a notar os negros, 2011. Disponível em: <https://abraccine.org/2011/11/20/blaxploitation-o-genero-que-obrigou-o-mundo-a-notar-os-negros/> Acesso em: 20 de junho de 2018.

BRINGHURST, Robert. Elementos do Estilo tipográfico. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

BOYD, Todd. The return of blaxploitation: why the time is right to bring back Shaft and Foxy Brown. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2018/jan/11/blaxploitation-shaft-foxy-brown-film> Acesso em: 20 de junho de 2018.

EDUCAÇÃO GLOBO. Mês da história negra revive o sonho de Martin Luther King. Disponível em: <http://educacao.globo.com/artigo/mes-da-historia-negra-revive-o-sonho-de-martin-luther-king.html> Acesso em: 14 de maio de 2018.

HENESTROSA, Cristóbal. Como criar tipos: do esboço à tela. Brasília: Esteriografico, 2014.

LUPTON, Ellen. Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MUNDO ESTRANHO. Quem foi Malcon-X? Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-foi-malcolm-x/> Acesso em: 27 de maio de 2018.

NAVARRO, Roberto. Quem foram os Panteras Negras? Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/quem-foram-os-panteras-negras/> Acesso em: 10 de junho de 2018.

PEIXOTO, Luiz Felipe de Lima e SEBADELHE, Zé Octávio. 1976 Movimento Black Rio. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2016.

ROCHA, Claudio. Novo projeto tipográfico. São Paulo: Rosari, 2012.